

Depois da filosofia a esperança social: Richard Rorty

Júlio Gonçalves e Sá⁹

Resumo: Este trabalho resulta da leitura e discussão do livro 'Filosofia e Esperança Social' e outros escritos de Richard Rorty, onde o filósofo traça uma reflexão do seu processo formativo que permite justificar seu posicionamento político tendo a solidariedade como princípio fundamental. É também uma oportunidade do autor consolidar sua posição filosófica que resultou na transição da epistemologia para a filosofia social, sobretudo identificando neste movimento uma etapa pós-filosófica. O trabalho foi estruturado seguindo a ordem: Primeiro, serão desenvolvidas algumas notas sobre a vida e a obra do autor e sua importância para a filosofia contemporânea; segundo, será apresentada a discussão do autor e seu argumento principal sobre a solidariedade; e terceiro, as conclusões e considerações sobre o assunto.

Palavras-chave: Filosofia Social. Esperança Social. Solidariedade.

Abstract: This paper results from the reading and discussion of the book 'Philosophy and Social Hope' and other writings of Richard Rorty, where the philosopher traces a reflection of his formative process that allows to justify his political position with solidarity as a fundamental principle. It is also an opportunity for the author to consolidate his philosophical position that resulted in the transition from epistemology to social philosophy, especially identifying in this movement a post-philosophical stage. The work was structured in the following order: First, some notes on the author's life and work and their importance for contemporary philosophy will be developed; second, the author's discussion and his main argument about solidarity will be presented; and third, the conclusions and considerations on the subject.

Keywords: Social Philosophy. Social hope. Solidarity.

1. Introdução

Richard Rorty (1931-2007) foi considerado um dos filósofos mais proeminentes da contemporaneidade, sua importância pode ser medida pelo impacto de suas ideias na cena filosófica atual, bem como sua inserção nas diversas áreas da cultura. Segundo Borradori (2003) "No panorama da filosofia contemporânea, Rorty representa uma exceção absoluta". Desde John Dewey, seu mestre intelectual de Rorty, os Estados Unidos não haviam produzido um fenômeno como este autor.

É consenso entre os biógrafos a constatação deste legado ao pensamento contemporâneo, isto porque sua filosofia fez um duro ataque à filosofia tradicional e dialogou com os diversos ramos da cultura. Ele se opôs a tradição dualista e "rompeu com os velhos mapas do terreno" em termos filosóficos. Rorty trouxe para seu campo intelectual filósofos que poderiam ser chamados de edificantes ou terapêuticos na própria acepção rortyana: Heidegger, Wittgenstein e John Dewey.). Os filósofos, que merecem o elogio de Rorty, têm um entendimento que tanto a filosofia quanto a literatura, têm contribuições importantes para a nossa reflexão do cotidiano e para a resolução de nossos problemas.

Estes filósofos na condição de edificantes e terapêuticos, segundo Rorty, não estão comprometidos com a discussão sobre verdades imutáveis e transcendentais, estão, sim, preocupados em discutir os problemas e as questões de seu tempo e não mais a busca uma verdade redentora (NASCIMENTO e SÁ, 2018)

Os aspectos mais interessantes da crítica de Rorty à filosofia tradicional foram às objeções a um tipo específico de filosofia, ou seja, a filosofia do especialista. Ele se insurge contra este tipo de filosofia e a reescreve combatendo a filosofia fundacionista e cartesiana por estas não condizerem mais com a tarefa da filosofia. Para Rorty ela, a filosofia do especialista, esteve comprometida com sistemas teóricos que supostamente descrevem o mundo de modo racional por meio de uma concepção de verdade

⁹ Mestrando da Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí - PPGFIL - UFPI

fundamentadora de toda de realidade. Em contrapartida, no lugar destes sistemas, Rorty propõe uma filosofia de cunho político-cultural comprometida com os desafios do gênero humano nos contextos contingentes de sua existência. Este será o objetivo principal do presente texto.

2. Filosofia Como Esperança Social

O neopragmatismo rortiano critica inicialmente a filosofia analítica proveniente do positivismo lógico europeu que tomou conta dos departamentos de filosofia das universidades norte-americanas. Embora reconheça a importância de autores como Quine e Davidson e constata suas aproximações com o pragmatismo, ainda promove críticas a este modelo filosófico.

Rorty declara que, com a influência de Kant a filosofia tornou-se uma profissão acadêmica, uma espécie de técnica auxiliar, com características normativas, limitando seu campo epistêmico. Ao criticar a filosofia como profissão e seu restrito caráter disciplinar, Rorty dirige-se à filosofia analítica, declarando:

"A filosofia 'analítica' é mais uma variante da filosofia kantiana, uma variante marcada principalmente por pensar em representação como antes linguística que mental; e antes em filosofia da linguagem que em 'crítica transcendental'; ou em psicologia como a disciplina que exige os 'fundamentos do conhecimento'" (RORTY, 1994, 24)

Na crítica à filosofia tradicional e também à analítica, nosso autor considerou que os dualismos, mente *versus* corpo, interno *versus* externo, são uma espécie de pseudoproblemas, que nada contribuem no esclarecimento das questões filosóficas de nosso tempo. Rorty cria as denominações 'filosofia edificante' e 'terapêutica' para se referir a um tipo de filosofia que não se submete às dicotomias e hierarquias filosóficas em torno dos problemas relativos à relação entre "mente e mundo" ou a estereótipos sociais.

Rorty argumentava que a filosofia ao invés de preocupar-se com as questões de natureza epistemológicas sobre representacionismo e não representacionismo faria melhor se discutisse como esta ou aquela política social e cultural descreve de forma mais adequada à realidade.

Rorty considera que os filósofos modernos perderam-se no caminho, pois continuaram tentando atribuir um significado último da realidade a uma matriz fundacionista do conhecimento. Para Rorty, o fundamento não está em algum princípio universal e atemporal, mas sim em formas de justificação imersas na prática social efetiva ou em outras formas de saber menos "científicas", como as das ciências humanas (RORTY, 1982).

Após romper com o quadro do mentalismo da filosofia tradicional, Rorty defende uma filosofia que esteja envolvida com as práticas sociais, uma filosofia que esteja conectada com os temas éticos, políticos e estéticos. O autor desenvolve a partir deste movimento uma série de escritos trazendo temas da contingência para a filosofia. Por esta razão, a filosofia analítica e o debate epistemológico são compreendidos como mais uma das narrativas históricas e contingentes.

Rorty se apropriará de temas da política, das artes, da literatura para redescrever e não normatizar realidade. É, nesse escopo que ele desenvolve os conceitos de contingência, ironia e solidariedade.

Por contingência Rorty propõem um novo direcionamento para as comunidades liberais, se afastando dos racionalistas e universalistas. A filosofia da contingência pode buscar se relacionar com "as verdades sobre o mundo" de outras formas. Rorty explica que ao abandonarmos a discussão epistemológica tradicional acerca das condições de verdade ou de certeza, o que podemos fazer é nos mantermos abertos para revisar e expandir nossa linguagem, redescobrimo nossa contingência (RORTY, 2007). O que Rorty quer dizer é que a filosofia universalista e racionalista teve seu papel positivo na suposta confiança dada à razão, no entanto agora o momento é da imaginação. Neste sentido CARVALHO FILHO (2009) argumenta:

Assim, a filosofia foi um progresso "transicional e de maturação cultural" porque serviu para aumentar a autoconfiança dos homens nos próprios poderes intelectuais. Contudo, ela deve ser abandonada porque a melhor esperança para a cultura liberal não vem da razão, mas, sim, da imaginação, o material com que a literatura é criada. (CARVALHO FILHO, 2009, p.2).

Para Rorty, os ironistas devem colocar em "xeque" a validade dos vocabulários finais por entenderem que essa mudança existe e não há muito a fazer, pois as relações são contingenciais.

Chamo tais pessoas de “ironistas” por seu reconhecimento de que qualquer coisa pode ser levada a parecer boa ou má, ao ser reescrita, e sua renúncia à tentativa de formular critérios de escolha entre vocabulários finais coloca-as na posição que Sartre chamava de “meta-estável”: nunca propriamente capazes de se levarem a sério, por estarem sempre côncias de que os termos em que se descrevem são passíveis de mudança, e sempre côncias da contingência e fragilidade de seus vocabulários finais e, portanto, de seu eu (RORTY, 2007, p. 134).

Nesta obra Rorty imagina uma “comunidade liberal utópica” composta por indivíduos de características específicas bem definidas, ou seja, o “ironista liberal”. Rorty criou este termo para designar uma pessoa que possui aversão a todo tipo de crueldade, e na condição de ironista seria aquele indivíduo desapegado às crenças estacionárias. Ele terá o papel de percorrer este caminho na sua tarefa de reescrever seus passos, para tornar-se autor de si mesmo. Uma alusão bem explicitada ao existencialismo militante de Sartre.

Portanto, Rorty adota a metáfora do ironista para se referir a um tipo de pessoa que encara frontalmente a contingência das suas próprias crenças e dos seus próprios desejos mais centrais. Na redescrição da sociedade liberal, recuperando os movimentos revolucionários europeus do século XVIII, bem como dos poetas românticos, Rorty destaca o quanto estes atores encaravam o novo e a utopia como possibilidades de transformações institucionais e de vocabulários. Esta mudança de vocabulário será capaz de construir um novo sujeito, capaz de criar este novo ser humano, com uma concepção menos estaque da identidade. Uma identidade da contingência.

Corroborando a este pensamento Carvalho Filho escreve:

Rorty considerou relevante recuperar esse discurso no âmbito da conversação ilustrada da humanidade, agora como um estímulo propriamente humano à melhoria social e não mais como um mandamento vindo do alto, visando à vida em “um outro reino”. (CARVALHO FILHO, p. 7)

Neste percurso, Rorty desenvolve uma temática ética envolvendo a redescrição deste novo sujeito cuja identidade se si mesmo se faz na contingência, na adoção de princípios fundamentais à vida democrática como os da não-indiferença e da solidariedade. Sendo a Solidariedade concebida como um desenvolvimento permanente para afastar a sociedade da crueldade promovida pela necessidade de satisfação de nossos desejos. Rorty afirma:

Parece bastante compatível com a afirmação de que estremecer de vergonha e indignação ante a morte desnecessária de uma criança - uma criança com quem não temos laços de família, tribo ou classe - é a mais alta forma de emoção que a humanidade atingiu, ao desenvolver as instituições sociais e políticas modernas. (RORTY, 2007, 245).

Claramente Rorty se posiciona contra qualquer tipo de crueldade cometida contra qualquer ser humano, podendo-se estender este conceito para qualquer crueldade contra qualquer ser vivo. Rorty compreende que a Solidariedade permite a reaproximação da filosofia com a realidade histórica e social. O filósofo não pode mais se restringir a conceitos e enunciados, precisa compreender o mundo ao seu redor com todos os instrumentos necessários de intervenção para desenvolver uma sociedade com justiça social e o reconhecimento da pluralidade cultural como ponto de partido.

É neste contexto que emerge a questão o que seria a Filosofia como Esperança Social?

Na interpretação de Rorty, a cruzada pela ‘Verdade’ mostrou-se um completo fracasso, sobretudo porque todas as teses sobre esta ‘Verdade’ foram descrições carregadas de propósitos, uma vez que nenhum conhecimento é neutro. Decorrente disso, muitas guerras e violências foram geradas por homens que se diziam os detentores da Verdade.

Rorty conclui que a busca pela verdade não foi uma trajetória promissora, neste sentido ele apresenta a tese de substituição do conhecimento pela esperança. Isto significa que a tarefa do intelectual não é mais a de procurar os valores e crenças em entes metafísicos como a “natureza intrínseca” ou no “mundo das ideias”, mas na ideia de que sejamos solidários e fraternos para melhorar nossas crenças atuais.

Assim, ao invés de fundamentar nossas práticas na ideia epistemológica da busca pela verdade redentora, é mais útil e promissor ter na esperança a perspectiva de se atingir um bem político que atinja a todos. No lugar da procura do conhecimento aparente e com uma fatal característica de fanatismo, é a

esperança social que garantirá um processo de cooperação e constante diálogo. E para isso, devemos assumir outros hábitos intelectuais, onde todas as expressões humanas, como a filosofia, as artes, as ciências e as religiões estejam comprometidas com o progresso humano.

Considerações Finais

Rorty mostrou a necessidade de a filosofia superar uma visão epistemológica e fundada na tradição do cartesianismo e kantismo para desenvolver o seu papel principal que é atuar no âmbito na linguagem propondo novas e melhores descrições do mundo e nós mesmos. A virada lingüística proposta por Rorty revela como é promissor para a filosofia sair do âmbito do mentalismo e da comensuração para uma cultura da conversação.

Quando a filosofia torna-se edificante e terapêutica ela abandona as pseudoproblemas e advoga para si não mais a confiança da razão e sim na imaginação. É possível construirmos novas narrativas e utopias. Portanto, diante da crise política que vivemos serão os valores da ética, da boa política e da estética que nos colocarão em diante da não-indiferença ao sofrimento alheio.

Como vimos, Rorty apresenta uma proposta clara para superamos essa crise política, pois ao reconhecermos o sofrimento do outro, devemos ser solidários com essa situação e encaminhar uma solução da melhor forma possível. Assim, os ideais de igualdade e liberdade da Revolução Francesa só serão concretizados, quando a fraternidade for reconhecida como indispensável para que, efetivamente nos reconheçamos como irmãos.

REFERÊNCIAS

BORRADORI, Giovanna. **Filosofia Americana: conversações**. São Paulo: UNESP, 2003.

CARVALHO FILHO, A. Sensibilidade, solidariedade, autocriação privada. Rorty e a literatura. In: **Redescrições**. Ano I, Número Especial: Memória do I Colóquio Internacional Richard Rorty, 2009. p. 2. Disponível em:

<http://www.gtpragmatismo.com.br/redescricoes/redescricoes/memoria/aldir.pdf>. Acesso em: 02 dez 2010.

_____. A. **A fraternidade, depois dos anos sombrios**. a redescrição rortyana de uma consigna esquecida. IN: **Panoramas do neopragmatismo rortyano para 'anos sombrios'**, Congresso Internacional "Revisitar Richard Rorty" com Robert Brandom, 2017.

NASCIMENTO, Edna M. M. do. **Pragmatismo: uma filosofia da ação: de Dewey a Paulo Freire**; Teresina, PI: EDUFPI, 2017.

_____. **Dewey e Rorty: da metafísica empírica à metafísica da cultura**. ; Teresina, PI: EDUFPI, 2014 .

NASCIMENTO e SÀ. O liberal ironista de Richard Rorty e a Educação. Revista Pensando, v. 1 , Teresina – PI, 2018

RORTY, Richard. **A Filosofia e o espelho da natureza**. Trad. César Rübeyro de Almeida - Rio de Janeiro, RJ, Relume -Dumará, 1994

_____. **Verdade e Progresso**. tradução Denise R.Sales; Barueri, SP: Manole, 2005.

_____. **Contingência, ironia e solidariedade.** Trad. Vera Ribeiro- São Paulo, Martins, 2007.

_____. *Phylosophy and Social Hope.* New York: Penguin Books, 1999.